

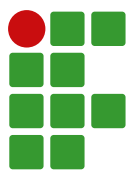
TECENDO CAMINHOS

INSTITUTO FEDERAL DO PARÁ | VOL. 03 | Nº01 | ABRIL 2026



A extensão no IFPA

Projetos promovem conscientização ambiental, formação profissional, aprendizado, vivências, empreendedorismo, desporto, saúde, cultura e inclusão no Pará.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Pará

TECENDO CAMINHOS

VOL.3, Nº1
Abril 2026

Belém/PA
2026

© 2026 Instituto Federal do Pará

A revista Tecendo Caminhos é uma publicação anual do Instituto Federal do Pará. Todos os direitos desta edição são reservados ao Instituto Federal do Pará. É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tecendo Caminhos
Tecendo Caminhos / Instituto Federal do Pará. vol. 3, n.1, (jan./dez. 2026)
-. Belém PA: (s.n.),2026.

Anual.

1. Projetos de extensão. - periódicos. 2. Ciência e tecnologia. 3. Ações de extensão. 4. Educação profissional e tecnológica. I. Instituto Federal do Pará. II. Título.

CDD: 000.5

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia / Pró-Reitoria de Ensino - PROEN
Bibliotecária Eliana Amoedo de S. Brasil – CRB-2/1121.



Instituto Federal do Pará - IFPA

Ana Paula Palheta Santana
Reitora do IFPA

Arthur Boscariol da Silva
Pró-Reitor de Ensino

Saulo Rafael Silva e Silva
Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Keila Renata Mourão Valente
Pró-Reitora de Extensão

Denise Maythe Silva dos Santos
Pró-Reitora de Administração

Wanaia Tomé de Nazare Almeida
Pró-Reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas

Fabício Medeiros Alho
Diretor Executivo

Claudionor Andrade Farias Júnior
Diretor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

Cláudio Martins
Diretor de Tecnologia da Informação

Laura Helena Barros
Diretora de Assuntos Estudantis

João Augusto Tavares Rodrigues
Assessor de Comunicação Social

TECENDO CAMINHOS

Instituto Federal do Pará - IFPA

Av. João Paulo II, 514. Bairro: Castanheira

Belém-PA. Cep:66.645-240
VOL. 3 | Nº01 | Abril 2026

Conselho Editorial

Adrieny Bernardo de Oliveira
Caio Cesar Figueiredo de Sousa
Diana Lourenço Luiz
João Augusto Tavares Rodrigues
Keila Renata Mourão Valente
Lívea Pereira Colares da Silva
Lívia Tamires Oliveira Conon Salles
Maíra Fernanda Tavares de Melo
Maria de Nazaré Fonseca de Senna Pereira
Nayara Cristina de Melo

Edição e projeto gráfico

João Augusto Tavares Rodrigues

Diagramação

Caio Cesar Figueiredo de Sousa

Redação

Diana Lourenço Luiz
Filipe Alves Sanches
Hericley Serejo Santos
Íris de Araújo Jatene
João Augusto Tavares Rodrigues
Lívea Colares
Viviane Campos

Imagens

Caio Cesar Figueiredo de Sousa
João Augusto Tavares Rodrigues
Lériton da Silva Brito
Willian Estrela da Cunha
Acervos dos projetos

Revisão

Diana Lourenço Luiz
Hericley Serejo Santos
Íris de Araújo Jatene
João Augusto Tavares Rodrigues
Lívia Tamires Oliveira Conon Salles

Tecendo caminhos, fortalecendo vínculos

Nessa terceira edição da revista Tecendo Caminhos, o Instituto Federal do Pará (IFPA) reafirma seu compromisso com a formação integral e com a transformação social. Ao articular ensino, pesquisa, extensão e inovação com qualidade, a instituição consolida-se como um espaço dinâmico de produção de conhecimento e de diálogo permanente com a sociedade.

A extensão, nesse contexto, ocupa um lugar central. É por meio dela que o IFPA fortalece o elo com a comunidade, ultrapassando os limites físicos dos campi e promovendo a troca de saberes, experiências e tecnologias. Esse movimento reafirma o papel social da instituição, ao mesmo tempo em que contribui para a formação de estudantes e servidores comprometidos com a realidade dos territórios onde atuam.

Nesta edição, reunimos experiências que expressam a diversidade e o alcance das ações extensionistas. Os textos abordam temas como inclusão e acessibilidade por meio de intervenções pedagógicas, tecnológicas e metodológicas no contexto educacional; iniciativas de internacionalização; empreendedorismo feminino; e práticas sustentáveis, como o reaproveitamento de óleo residual da cozinha do IFPA para a produção de velas aromáticas.

Também ganham destaque projetos como o Programa Mulheres Mil, a formação de Agentes Territoriais de Cultura do Norte, a Escola Nacional de Turismo, além de iniciativas inovadoras como o podcast de divulgação científica, tecnologias de baixo custo no combate a vetores na Amazônia e propostas voltadas à construção de casas populares para comunidades ribeirinhas. A edição ainda valoriza ações culturais, como o encontro de bandas do IFPA, evidenciando a pluralidade de saberes e práticas presentes na instituição.

O ano em curso marca, ainda, um momento significativo para a consolidação da extensão no IFPA, com a realização do



Ana Paula Palheta

Reitora do IFPA

II Congresso de Extensão (CONEXT). O evento se firma como um espaço estratégico de encontro, reflexão e visibilidade, reunindo experiências de diferentes campi e fortalecendo a identidade extensionista da instituição.

Assim, esta terceira edição da Tecendo Caminhos não apenas registra práticas e resultados, mas reafirma o compromisso do IFPA com uma educação pública de qualidade, integrada e socialmente referenciada. Que as páginas a seguir inspirem novas conexões e fortaleçam, cada vez mais, os caminhos que tecemos junto à comunidade.

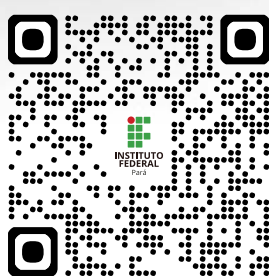
Boa leitura!

TECENDO CAMINHOS

CONFIRA TODAS AS EDIÇÕES DA REVISTA



Disponível em ifpa.edu.br/tecendo-caminhos



A Pró-Reitoria de Extensão vem consolidando seu amplo espectro de atuação junto à comunidade por meio das parcerias nacionais e internacionais firmadas. A pactuação de Programas Bolsa Formação do Governo Federal, como o Mulheres Mil e os PRONATECs Aquicultura, Energif, Expansão Energif Alenquer, além dos TDEs – Termos de Execução Descentralizada – firmados com os Ministérios do Turismo, da Cultura, do Desenvolvimento Agrário, do Abastecimento e Pecuária e da Pesca e Aquicultura, já proporcionaram a oferta de aproximadamente 7.500 vagas para a formação da comunidade em diversas áreas. No âmbito internacional, a PROEX atua na formação docente e discente por meio de intercâmbios em instituições de ensino de Portugal e da Colômbia.

Ao longo dos anos, a PROEX também tem fortalecido e incentivado os campi do IFPA por meio do fomento de editais internos e da atuação dos núcleos de extensão, com a seleção de projetos voltados para arte, cultura e esporte. Como forma de dar visibilidade a tantas ações, a revista Tecendo Caminhos vem, a cada ano, convidando servidoras, servidores, pesquisadores e extensionistas a fazerem parte das edições anuais.

A revista Tecendo Caminhos é uma publicação importante do Instituto Federal do Pará (IFPA), com foco em compartilhar experiências e conhecimentos com toda a comunidade interna e externa aos campi do IFPA. Trata-se de uma ferramenta valiosa para promover a visibilidade dos projetos e eventos de extensão do IFPA, contribuindo para o fortalecimento da relação entre a instituição e a sociedade.

Em sua 3ª edição, a revista, para além dos projetos desenvolvidos, apresenta um panorama das principais iniciativas de extensão do ano de 2025, mostrando o impacto e a relevância dessas ações para a comunidade.

Incentivamos você, estudante e servidor do IFPA interessado em conhecer mais sobre as ações de extensão do IFPA: a Revista Tecendo Caminhos é uma ótima fonte de informação e leitura.



Keila Renata Mourão Valente

Pró-Reitora de Extensão

- 12** **Mulheres Mil gera possibilidades de autonomia**
- 16** **EcoLuz Trap – Tecnologia de Baixo Custo contra Vetores na Amazônia**
- 18** **Escola Nacional do Turismo: pioneirismo para qualificar o mercado turístico regional**
- 20** **Projeto transforma óleo residual em educação ambiental no IFPA Castanhal**
- 22** **IFPA se destaca nos JIFs 2025 e alcança etapas regional e nacional**
- 26** **Silêncio do Parque resgata memórias e provoca reflexão sobre o futuro do Ibirapuera**
- 28** **Internacionalização amplia fronteiras do ensino, da pesquisa e da formação cidadã**
- 30** **Encontro de Bandas do IFPA ecoa integração e cultura no Theatro da Paz**
- 36** **Saúde e autocuidado são temas de projeto no IFPA**
- 38** **PNCC e formação de Agentes Territoriais de Cultura do Norte pelo IFPA**
- 42** **Cinco décadas em harmonia: encontro fortalece memória e formação musical no IFPA**
- 44** **Ribeirizar: a voz ribeirinha no planejamento técnico de seu próprio lar**





48

MaNas, uni-vos! Projeto promove o empoderamento empreendedor feminino

50

Pronatec Aquicultura atende a mais de 400 participantes de 16 municípios do Pará

52

IFPA promove inclusão com intervenções pedagógicas, tecnológicas e metodológicas, no contexto educacional

54

Mexericos na Maré: para ouvir os maretórios do futuro

58

"Ferment'Ação" - Receitas de recomeço com mulheres em situação de vulnerabilidade



Processo de inscrição/matricula do projeto Mulheres Mil

Mulheres Mil gera possibilidades de autonomia

Texto: Diana Lourenço Luiz

Imagens: Acervo do projeto

Cursos unem a educação ao trabalho, abrangendo a população feminina em busca de acesso às ações educacionais, a elevação da escolaridade e à inclusão e permanência no mundo do trabalho, tendo como ponto central a identificação, o reconhecimento e a valorização da diversidade e dos saberes.

As ações governamentais em prol das mulheres buscam a promoção da justiça social para superar o contexto de violência, preconceito, alienação, sexismo, etarismo, misoginia e desvalorização da mulher – entre outras formas de exclusão – que ainda fazem parte do cotidiano das relações humanas refletidas nos âmbitos social, econômico, profissional, educacional, cultural. O Programa Mulheres Mil, enquanto política pública de educação profissional e tecnológica voltada

à promoção da dignidade, da inclusão social e profissional, gera autonomia econômica, fortalece a cidadania de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

O Programa Mulheres Mil, no Instituto Federal do Pará (IFPA), é realizado por meio de chamadas públicas realizadas de forma articulada com instituições parceiras, tais como as Secretarias Municipais de Assistência Social e dos Centros de Referência de Assistência

Social (CRAS). A iniciativa prioriza mulheres com 16 anos ou mais que, historicamente, sofreram injustiças sociais, vivem em situação de pobreza e extrema pobreza, com baixo grau de escolarização, vítimas de diferentes formas de violência, privadas de liberdade ou em cumprimento de medidas socioeducativas, bem como mulheres responsáveis pelos cuidados no ambiente familiar.

“O programa adotou uma metodologia integrada, articulando formação cidadã, inclusão digital, práticas profissionais e valorização das trajetórias de vida das mulheres, com ênfase no “aprender fazendo”, ressalta uma das Coordenadoras do Programa, Sabrina Bianca da Silva Alves.

Campi e cursos

O IFPA ofertou cursos em Abaetetuba (Operadora de Computador e Promotora de Vendas), Altamira (Operadora de computadores e Produtora de derivados do leite), Breves (Maquiadora), Cametá (Atendente de Lanchonete e Confeiteira),

Marabá Rural (Agricultora Agroflorestal e Produtora de Frutas e Hortaliças) e Vigia - Santo Antônio do Tauá (Artesã de Biojóias).

Objetivos das ofertas

Esses cursos foram pensados para garantir o acesso das mulheres à educação profissional, ao conhecimento, à tecnologia e à inovação. Estão voltados à inclusão social e produtiva dessas mulheres em situação de vulnerabilidade, por meio da oferta de qualificação profissional articulada a ações de formação cidadã e empreendedorismo. Também tem por objetivo o fortalecimento da autoestima, contribuindo para a ampliação de oportunidades de geração de renda, inserção no mundo do trabalho e melhoria da qualidade de vida.

“Os cursos ofertados foram definidos a partir da escuta das mulheres e da análise dos arranjos produtivos locais, garantindo que a formação estivesse alinhada às realidades territoriais e às possibilidades concretas de geração de renda”, explica Sabrina Alves.



Alunas do curso FIC de Maquiagem no Campus Breves

Resultados

No Campus Cametá, detalha Sabrina Alves, os cursos ofertados potencializaram as atividades que muitas mulheres já desenvolviam, especialmente nas áreas de confeitaria e alimentação. “As egressas relataram melhoria no atendimento ao público, na organização da produção e no aumento das vendas, fortalecendo o empreendedorismo local e ampliando a renda familiar”.

No Campus Rural de Marabá, o curso Agricultora Agroflorestal, “proporcionou conhecimentos práticos aplicáveis ao cotidiano das produtoras rurais, permitindo a diversificação da produção agrícola e contribuindo diretamente para o aumento da renda e a sustentabilidade dos lotes produtivos”, garante Sabrina Alves.

Os cursos ofertados pelo IFPA pelo Programa Mulheres Mil, no primeiro ciclo, de acordo com a PROEX, beneficiaram 68 mulheres em Abaetetuba, 50 em Altamira, 80 em Breves, 50 em Cametá, 31 em Marabá e 49 em Vigia. E no segundo ciclo, foram formadas 61 mulheres em Abaetetuba, 30 em Marabá Rural, 41 em Cametá. Os demais campi ainda estão em atividade.

Além da capacitação técnica, foram desenvolvidas atividades teóricas sobre cidadania, direitos das mulheres, comunicação e inclusão digital, seguidas de disciplinas práticas específicas de cada curso, com foco em empreendedorismo, custos de produção e técnicas de venda. No IFPA Campus Rural de Marabá, por exemplo, as aulas práticas utilizaram as ferramentas agrícolas em atividades desenvolvidas diretamente nos



Aula prática do curso FIC de Maquiagem no Campus Breves

lotes das produtoras, aliando teoria e prática de forma contextualizada ao território rural. Em Breves, por outro lado, as aulas ocorreram com as mulheres ao lado de seus filhos. Como resultado, alcançou-se a qualificação profissional das mulheres, o fortalecimento da autoestima, a ampliação das possibilidades de geração de renda e a ausência de evasão, explicou a coordenadora do Campus Breves, Tatiane Acioli de Almeida.

“O programa adotou uma metodologia integrada, articulando formação cidadã, inclusão digital, práticas profissionais e valorização das trajetórias de vida das mulheres, com ênfase no 'aprender fazendo'”

Tatiane de Almeida comenta que ocorreu atrasos no repasse de recursos, dificuldades logísticas e exigências documentais que, em alguns casos, restringiram o acesso de mais mulheres ao programa.

As coordenadoras Sabrina Alves e Tatiane Almeida afirmam que a experiência à frente do Programa Mulheres Mil foi desafiadora e ao mesmo tempo enriquecedora. “Exigiu articulação interinstitucional, sensibilidade social e gestão administrativa cuidadosa, ao mesmo tempo em que proporcionou resultados concretos de transformação social e fortalecimento do papel do IFPA junto às comunidades atendidas”, avalia Sabina Alves. “Ministrar aulas de Português para mulheres que não sabem ler, foi desafiador. Ministrar aulas com os filhos das alunas chorando, gritando, rindo, correndo... foi desafiador. Ser cobrada por uma bolsa é desafiador”, avaliou Tatiane Almeida.



Aula prática do curso FIC de Maquiagem

**IFPA Campi Abaetetuba, Altamira,
Cametá, Marabá Rural e Vigia
Mulheres Mil**

COORDENADORAS

Sabrina Bianca da Silva Alves
Tatiane Acioli de Almeida



Alunas do curso FIC de Maquiagem no Campus Breves

EcoLuz Trap – Tecnologia de Baixo Custo contra Vetores na Amazônia

Texto: Diana Lourenço Luiz

Imagens: Acervo do projeto

Projeto de extensão transforma estudantes e a comunidade em protagonistas. Ensina a pensar a tecnologia desde a origem focando na simplicidade, no baixo custo, manutenção, validação por evidências e, principalmente, em algo que a comunidade consiga entender, montar, usar e melhorar.

“Para gerar uma inovação, não basta ‘ter uma boa ideia’, mas conseguir apresentar uma solução segura e que possa ser reproduzida” afirma Riguel Feltrin Contente. Visão que norteou o EcoLuz Trap, iniciativa desenvolvida no Instituto Federal do Pará (IFPA), Campus Marabá Industrial, que integra pesquisa, ensino e extensão em uma proposta acessível e baseada em evidências. Mais do que isso, tornou-se um exemplo de como o trabalho em equipe e o engajamento de estudantes e da comunidade podem gerar uma solução acessível e baseada em evidências.

A ideia surgiu a partir de uma demanda doméstica. O EcoLuz Trap foi idealizado pelo chefe do Departamento de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do Campus Marabá Industrial, Riguel Feltrin. Ele procurava uma alternativa segura, econômica e sustentável às opções à base de inseticidas aerossolizados para proteger o filho, então com dois anos, de uma infestação de mosquitos.

O professor convidou estudantes do ensino médio para desenvolver um protótipo baseado na atração por luz azul e captura por sucção. O objetivo foi criar um protótipo de montagem prática, simples e replicável, de baixo custo e com eficiência de captura. O trabalho também se fundamentou nos princípios da economia circular e da sustentabilidade, contribuindo para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente saúde e bem-estar, educação de qualidade, cidades e comunidades sustentáveis, consumo e produção responsáveis.

Para chegar ao EcoLuz Trap, a equipe seguiu procedimentos de prototipagem e validação, incluindo: desenho de circuitos em software livre; oficinas de montagem de armadilhas com materiais reaproveitados (latas, coolers, fontes e LEDs); elaboração de protocolo de ensaio; instalação em pontos do campus; registro padronizado das capturas (insetos por hora) e triagem taxonômica; testes comparativos (cores de LED e modelos); análise de custo; além da produção de cartilhas e roteiros e da realização de oficinas práticas (com duração aproximada de três horas) para montagem, operação e manutenção.

“O projeto foi concebido para desenvolver uma armadilha de baixo custo, simples de montar e replicável, utilizando materiais recicláveis e componentes reaproveitados, sem produto químico”

A fase de pesquisa e desenvolvimento (P&D) do EcoLuz Trap teve início em 2023. Em 2024, na fase de extensão, foram desenvolvidas oficinas e materiais didáticos voltados à comunidade. Nesse período, também foram adquiridos uma estação meteorológica e insumos. A consolidação ocorreu por meio das oficinas e da transferência de conhecimento. “O EcoLuz Trap foi uma experiência única, pois consolidou a ideia de que a inovação é a ponte entre criatividade e conhecimento. Agora, o projeto está nas fases de aprimoramento e validação”, detalha o professor Riguel Feltrin.



Equipe do projeto EcoLuz Trap durante premiação Solve For Tomorrow

A equipe, além de produzir cartilhas e realizar oficinas, capacitou 39 pessoas — entre estudantes e moradores — para montar e utilizar as armadilhas. Os kits confeccionados foram doados ao Campus. A consagração veio em 2025, na competição Solve for Tomorrow (Samsung), em São Paulo, com a conquista do 3º lugar. “Os estudantes participaram de atividades formativas, conheceram novos lugares e pessoas e ampliaram seus horizontes em relação a oportunidades de estudo e trabalho”, complementa Riguel Feltrin.

“A extensão é transformadora. O engajamento dos estudantes muda o ritmo do trabalho, dá sentido às etapas mais difíceis e amplia o alcance do que construímos. A escola tornou-se laboratório, a realidade virou objeto de estudo e a solução transformou-se em aprendizado”, afirma Riguel Feltrin.

Para o professor, essa experiência o ensinou a pensar a tecnologia com foco na simplicidade, no baixo custo, na facilidade de manutenção, na validação por evidências e na apropriação social. “Ou seja, desenvolver algo que a comunidade consiga entender, montar, usar e aprimorar”.

Atualmente, o EcoLuz Trap segue em aprimoramento, com estudos que buscam correlacionar dados de captura com variáveis meteorológicas, além de melhorias no design e na durabilidade do equipamento. A equipe também busca novos parceiros para expandir as ações e fortalecer a integração com políticas públicas de saúde.



Protótipo da armadilha

IFPA Campus Marabá Industrial
EcoLuz Trap - Tecnologia de Baixo Custo
contra Vetores na Amazônia

COORDENADOR
Riguel Feltrin Contente

ESTUDANTES
Cleiton Santos Costa
Lucyellen Carvalho Neres dos Santos
Maria Clara de Souza Lima
Wilian Saraiva Silva
Yane Katlen da Silva Lima



Certificação de turmas da Escola Nacional do Turismo em Belém

Escola Nacional do Turismo: pioneirismo para qualificar o mercado turístico regional

Texto: Íris de Araújo Jatene

Imagens: Lériton da Silva Brito e acervo do projeto

A primeira Escola Nacional do Turismo (ENT) do Brasil nasceu dentro do Instituto Federal do Pará (IFPA) Campus Belém, em 29 de novembro de 2024. Fruto de uma parceria do Ministério do Turismo (MTur) e a instituição, a ENT é uma iniciativa estratégica com o objetivo de aprimorar a qualificação profissional, fortalecendo o setor turístico nacional.

A opção por iniciar o projeto pioneiro no Pará não foi à toa. Em novembro de 2025, um ano após a instalação da primeira ENT, ocorreria em Belém a 30ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas (COP30). Isso fez os olhos do mundo se voltar para a capital paraense e a necessidade de qualificação para a boa recepção de um público tão diverso se tornou ainda mais evidente. Durante aquele mês, afinal, a cidade precisaria transpirar turismo. E assim o fez!

Além de Belém, a ENT envolveu os Campi do IFPA em Bragança, Santarém e Vigia de Nazaré, municípios que também se destacam pelas atividades turísticas. Cidades das áreas de abrangência dessas unidades também foram atendidas, inclusive, com a oferta de cursos em comunidades quilombolas, ribeirinhas, extrativistas e de assentamento.

Atualmente em seu sétimo ciclo, já foram investidos nas Escolas coordenadas pelo IFPA cerca de R\$ 3,8 milhões, na formação de 124 turmas, em 12 cursos. Com vigência até março de 2026, a ENT beneficiou diretamente 4.080 pessoas, certificadas em seus polos de atuação no Pará. De forma indireta, comunitários e turistas comprovaram melhorias e desdobramentos que as capacitações promoveram.

Os cursos ofertados foram: Camareira; Condutor de Atrativos Turísticos; Educação Ambiental e Sustentabilidade para o Turismo; Elaborador de Roteiros Regionais; Espanhol; Francês voltado para o Turismo; Gestão de Negócios para o Turismo; Hospedagem Domiciliar; Inglês; Organizador de Eventos; Qualidade no Atendimento de Turismo nas Ilhas; e Inglês para o Turismo (Ilha do Marajó).

“O maior diferencial da ENT está na oferta de cursos de extensão de curta duração, com foco em atividades práticas realizadas nos laboratórios do IFPA e em visitas técnicas, que proporcionam vivências que, somadas ao conhecimento teórico, culminam em uma formação técnica de excelência dos alunos. Além disso, há a possibilidade de cursos em áreas distantes, democratizando o acesso de



Turma da Escola Nacional do Turismo em Santarém



Turma da Escola Nacional do Turismo em Bragança

todos a cursos de qualidade”, afirma Priscila Farias, coordenadora da ENT no IFPA.

O casal Sigla Regina e Antônio de Pádua de Freitas vive em Santa Isabel do Pará e não mediu esforços para fazer cursos da ENT. Chegaram como turistas na Comunidade Quilombola Espírito Santo do Itá e, encantados com a relação histórica da localidade com a cultura de mandioca, tornaram-se agentes de turismo, idealizando um festival e um museu para contar essa história. Após dez anos de atividades, o projeto cresceu e precisaram se profissionalizar.

“Esses cursos caíram do céu! Nós tivemos a necessidade de nos qualificar para atender a esse público, porque nós somos pedagogos, não éramos do turismo. E agora, com essas qualificações que estamos recebendo, a gente ampliou muito os nossos conhecimentos, enriqueceu muito o nosso trabalho”, conclui Sigla.

Nathália Cristiny de Souza Maria já atuava recebendo turistas em casa por meio de um portal especializado. Começou para conhecer pessoas, gostou e decidiu se profissionalizar. Fez o curso de Hospedagem Domiciliar. “Quando vi a oportunidade dos cursos do IFPA, achei excelente. Teve muito trabalho prático, sobre hospitalidade. Os professores foram excelentes. Com esse curso agora eu estou abrindo o meu hostel. Eu vou trabalhar com isso. E quero colocar meu certificado bem lindo lá na parede para mostrar tudo o que eu aprendi”, sonha Nathália.



Turma da Escola Nacional do Turismo em Vigia

A concepção da Escola do Turismo do Pará proporcionou também a produção de uma revista comemorativa de um ano de atividades, bem como cartilhas idealizadas como material didático, disponibilizadas gratuitamente pela plataforma Qualifica do MTur.

**Acesse as cartilhas
através do Qr code**



Escola Nacional do Turismo

COORDENADORA GERAL

Ana Priscila de Souza Farias

BELÉM

Katia Cristina Palheta Santana

BRAGANÇA

Marcos Ruben de Almeida Caldas

VIGIA

Jaqueline Conceição Meireles Gomes

SANTARÉM

Elcivania de Oliveira Barreto

Railene Martins de Araújo

PROEX e ASCOM

Adrieny Bernardo de Oliveira

Caio Cesar Figueiredo de Sousa

Lidia Maciel Matos

Nayara Cristina de Melo Caldeira

Projeto transforma óleo residual em educação ambiental no IFPA Castanhal

Texto: Lívea Colares

Imagens: Acervo do projeto

Iniciativa do IFPA Castanhal transforma óleo descartado em velas ecológicas, promovendo educação ambiental, consciência sustentável e integração entre teoria e prática no ensino de bioquímica.

No Instituto Federal do Pará (IFPA), Campus Castanhal, um resíduo comum do cotidiano ganhou novo significado e se tornou ferramenta de ensino, conscientização e transformação social. O projeto “Vela ecológica: integrando educação ambiental com o ensino de bioquímica” surgiu a partir de um diagnóstico preocupante: cerca de 400 litros de óleo de cozinha eram utilizados mensalmente no refeitório do campus e descartados diretamente na caixa de gordura, sem reaproveitamento.

O dado acendeu um alerta. Quando descartado de forma inadequada, o óleo pode causar sérios impactos ambientais, como o entupimento de tubulações, a contaminação do solo e até a infiltração em lençóis freáticos. Estima-se que apenas um litro de óleo seja capaz de contaminar até um milhão de litros de água, quantidade suficiente para o consumo de uma pessoa por aproximadamente 14 anos. No Brasil, apesar da produção anual de cerca de três bilhões de litros de óleo vegetal, apenas 2,5% é reutilizado.

Diante desse cenário, a iniciativa buscou transformar um problema em solução, aliando educação ambiental à prática científica. A proposta consistiu na coleta do óleo residual gerado no campus e sua reutilização na produção de velas ecológicas, integrando conceitos da bioquímica ao cotidiano dos estudantes.

Projeto em ação

Durante a execução do projeto, as velas foram produzidas de forma contínua, acompanhando a demanda das atividades acadêmicas. Parte da produção foi destinada à doação para a comunidade interna, com o objetivo de sensibilizar estudantes e servidores sobre a importância do descarte correto de resíduos e da adoção de práticas sustentáveis. A ação também ultrapassou os limites do Campus: estabelecimentos da Ilha do Marajó, como os restaurantes, receberam as velas, ampliando o alcance da iniciativa e fortalecendo a conscientização ambiental em outros contextos sociais.

Outro diferencial do projeto foi o reaproveitamento de materiais utilizados como recipientes para as velas. Vidros descartados, bambus e cuias foram incorporados ao processo produtivo, promovendo a reciclagem e agregando valor estético e cultural aos produtos.

Além das atividades práticas, a equipe investiu na divulgação científica por meio de uma página em rede social, voltada à publicação de conteúdos sobre sustentabilidade, reaproveitamento de resíduos, educação ambiental e bioquímica aplicada ao cotidiano. O perfil está disponível no Instagram do projeto e funciona como um canal permanente de sensibilização e troca de conhecimentos.

Resultados

Com um público estimado de 500 pessoas alcançadas, sendo 300 da comunidade acadêmica e 200 do público externo, em oficinas, mostras e cursos, o projeto apresentou resultados expressivos. “O projeto representou uma oportunidade de conscientização ambiental, ao abordar de forma prática e acessível os impactos do descarte inadequado do óleo de cozinha e as alternativas sustentáveis para seu reaproveitamento. As ações de extensão, especialmente a produção e distribuição das velas ecológicas, contribuíram para fortalecer a cultura da sustentabilidade e promover a reflexão sobre a responsabilidade ambiental coletiva. Além disso, as doações realizadas a estabelecimentos da Ilha do Marajó possibilitaram a difusão da iniciativa em outros contextos sociais, ampliando seu alcance educativo e ambiental”, explica a coordenadora do projeto, Caroline Rosa.

A iniciativa também se destacou pelo caráter interdisciplinar, integrando ensino, pesquisa e extensão. “Para os discentes, o projeto proporcionou uma experiência formativa enriquecedora, integrando teoria e prática por meio da aplicação de conhecimentos de bioquímica em situações reais. As atividades laboratoriais, a participação em oficinas e a elaboração de material didático estimularam o protagonismo estudantil, o trabalho em equipe e o desenvolvimento de competências científicas e socioambientais. Dessa forma,

o projeto reforçou o papel da extensão como instrumento de transformação social, formação cidadã e aprendizado significativo”, destaca a coordenadora.

Mesmo após sua finalização formal, o projeto segue gerando desdobramentos. A proposta foi ampliada e deu origem ao Projeto Sabão e Vela Ecológicos (PSVE), que mantém a coleta do óleo residual e diversifica a produção, incluindo também a fabricação de sabão ecológico. Mais do que produzir velas, a iniciativa acendeu reflexões. Ao transformar um resíduo poluente em produto útil e educativo, o projeto reafirma o papel da educação como instrumento de mudança e destaca o potencial das ações de extensão na construção de uma sociedade mais consciente e sustentável.

IFPA Campus Castanhal
Vela ecológica: integrando a educação ambiental com o ensino de bioquímica

COORDENADOR
Caroline Azevedo Rosa

ESTUDANTES
Emily Kauane Silva e Silva
Kássia da Conceição Silva
Romário Souza da Silva



Projeto das Velas Ecológicas em mostra realizada no Campus Castanhal

IFPA se destaca nos JIFs 2025 e alcança etapas regional e nacional

Texto: Lívea Colares

Imagens: Acervo do IFRN, Caio Cesar Figueiredo de Sousa, Lérítton da Silva Brito

Após etapa estadual em Santarém, estudantes conquistam vagas, medalhas e representam o Pará em competições pelo Brasil.

O Instituto Federal do Pará (IFPA) consolidou sua participação nos Jogos dos Institutos Federais 2025 (JIFs) ao longo de 2025, com atuação destacada desde a etapa estadual até as fases regional e nacional da competição. A jornada começou em Santarém, onde o IFPA promoveu, entre os dias 1 e 6 de junho, a etapa estadual dos jogos. O evento reuniu cerca de 750 estudantes-atletas de 19 delegações de diferentes campi, em disputas que envolveram 10 modalidades esportivas. A competição serviu como seletiva para a formação das equipes que representariam a instituição nas fases seguintes.

Com o encerramento da etapa estadual, os estudantes classificados garantiram vaga para a etapa regional Norte dos Jogos. A competição regional foi realizada em Macapá, entre os dias 24 e 29 de agosto, reunindo atletas dos sete estados da Região Norte. Ao todo, 89 estudantes-atletas do IFPA participaram das disputas, que envolveram 11 modalidades esportivas organizadas pelo Instituto Federal do Amapá (IFAP).

A delegação paraense competiu em dez modalidades: futsal, voleibol, basquetebol, handebol, futebol, atletismo, judô, natação, tênis de mesa e vôlei de praia, com



Atletas do IFPA durante os JIFs Etapa Estadual em Santarém



representantes de dez dos dezoito campi da instituição. No atletismo, o IFPA também contou com a participação de paratletas, que disputaram provas de arremesso de peso, lançamento de disco e lançamento de dardo.

O IFPA conquistou um total de 20 medalhas, sendo 10 de ouro, 3 de prata e 7 de bronze, entre provas individuais e coletivas. Esta foi a edição em que a instituição mais acumulou medalhas e classificações para a etapa nacional dos jogos. Entre os principais resultados, destacam-se os ouros no basquetebol feminino, futsal masculino, handebol masculino, vôlei de praia masculino, além de conquistas no judô, tênis de mesa e atletismo. Nas provas individuais, o IFPA também garantiu medalhas de prata em modalidades como atletismo, além de bronzes em provas de natação e atletismo.

Etapa nacional

Com o desempenho alcançado na etapa regional, os estudantes do IFPA garantiram participação na etapa nacional, sediada pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), entre os dias 23 e 29 de novembro, em Natal. O evento reuniu mais de 900 estudantes-atletas de cerca de 30 instituições da Rede Federal, consolidando-se como a maior fase da competição.



Paratleta do IFPA durante os JIFs Nacional

O IFPA participou com uma delegação composta por 39 estudantes, que competiram em modalidades como atletismo, basquete, futsal, handebol, judô, tênis de mesa e vôlei de areia, ampliando a representatividade paraense também nas competições para-olímpicas. No atletismo, o IFPA conquistou medalha de bronze e dois ouros de grande destaque nas provas de arremesso de dardo, nas categorias F11 e F12. No judô, vieram uma medalha de prata e uma de bronze. Já nas disputas coletivas, o grande destaque foi a conquista do ouro no futsal.

A Pró-Reitora de Extensão, Keila Mourão, avalia positivamente o desempenho do IFPA nesses Jogos. “O JIFs 2025 foi planejado com muito carinho e bastante esperado pela comunidade do IFPA. Diante dos primeiros jogos com a inclusão de modalidades e competições entre discentes PCDs, o 1º PARAJIFs, dos resultados alcançados, tanto da participação discentes, quanto de servidores e do planejamento antecipado para o evento, o sentimento é que o desempenho do IFPA para o JIFs e 1º PARAJIFs 2025 foi positiva e de muito aprendizado”, comemora.

Para a chefe de delegação do IFPA, Adrieny Bernardo, a participação do IFPA em 2025 foi expressiva e histórica. “A participação do IFPA em 2025 se destaca de forma muito significativa, evidenciada pelo envio de uma delegação de 39 estudantes à Etapa Nacional, número expressivo e superior às edições anteriores. Esse resultado é fruto direto do fortalecimento da Etapa Estadual, do desempenho na Etapa Regional Norte e do apoio institucional contínuo à realização do evento, à participação nas diferentes etapas e ao envolvimento ativo dos(as) professores(as) na preparação das equipes. Soma-se a esse cenário o avanço histórico na inclusão, com o destaque da participação de discentes com deficiência (PcDs) na Etapa Nacional, reflexo da implantação do PARAJIF já na Etapa Estadual em 2025”, disse.

Esporte, educação e formação cidadã

Para o professor de Educação Física do IFPA, Afonso Saife, a participação do IFPA nos JIF 2025 evidenciou o papel do esporte como ferramenta pedagógica. “Mais do que simples competições, esses eventos são ferramentas pedagógicas estratégicas que concretizam os ideais de formação omnilateral — o desenvolvimento pleno e multidimensional do indivíduo — e formação politécnica, que integra conhecimentos técnicos, científicos e

humanísticos, intencionando a possibilidade de emancipação humana social, cultural, política e econômica, favorecendo a construção de cidadãos preparados para os desafios complexos do século XXI”, destaca.

Em mais um ano de competições, os Jogos dos Institutos Federais reafirmam seu papel como uma das principais políticas públicas voltadas à juventude estudantil, ampliando oportunidades e projetando novos talentos no cenário esportivo brasileiro. “Minha experiência foi uma das melhores possíveis, fiz amizades com pessoas de outros estados e pude viajar de avião pela primeira vez, por conta do JIFs, e foi muito bom mesmo. A medalha foi consequência dos treinos, fomos com um único objetivo, que era conquistar as três etapas do JIFs e foi merecido demais. Eu aprendi no JIFs que cada dia você pode se superar”, conta o estudante do Campus Abaetetuba, Gustavo Cardoso, que ganhou medalha de ouro no Futsal.

"Esta foi a edição em que a instituição mais acumulou medalhas e classificações para a etapa nacional dos jogos"



Atleta nos JIFs Etapa Estadual em Santarém



Time de futsal medalhista de ouro durante os JIFs Nacional, em Natal/RN

Silêncio do Parque resgata memórias e provoca reflexão sobre o futuro do Ibirapuera

Texto: João Augusto Tavares Rodrigues

Imagens: Acervo do projeto

Documentário dirigido por Edivaldo Moura reúne memórias, imagens de arquivo e relatos da população para contar a história do antigo Camping Ibirapuera e discutir os conflitos ambientais e urbanos que envolvem a área e a nascente do Igarapé Castanhal, em Castanhal.

O antigo Camping Ibirapuera faz parte da memória afetiva de gerações de moradores de Castanhal, no nordeste paraense. Durante décadas, o espaço foi cenário de encontros, festas, eventos esportivos, momentos de lazer e convivência às margens do igarapé. Mais do que um ponto de recreação, o local se tornou parte da história da cidade e da vida de muitas famílias. É a partir dessas memórias e das transformações ocorridas na área que nasce o documentário *Silêncio do Parque*, dirigido por Edivaldo Moura.



Imagens de divulgação

O filme apresenta um panorama sobre a história do Ibirapuera por meio da recuperação de imagens de arquivo, entrevistas e pesquisa documental. Fotografias antigas, recortes de jornais, documentos, periódicos, trabalhos acadêmicos e outras publicações ajudam a reconstruir a trajetória do espaço e a compreender sua importância social, cultural e ambiental para o município. O local abriga a nascente do Igarapé Castanhal, elemento importante para a história ambiental da cidade e que, ao longo dos anos, passou a enfrentar problemas relacionados ao abandono e ao avanço do loteamento na área.

Ao mesmo tempo em que resgata lembranças e histórias vividas no Ibirapuera, o documentário também mostra a situação atual do espaço, marcado pelo descaso e por mudanças na paisagem. A área, que antes era ponto de encontro e convivência, hoje convive com o avanço do loteamento e com a ausência de políticas públicas voltadas para a recuperação das nascentes e do igarapé. O filme apresenta diferentes percepções sobre o local, evidencia os embates e silêncios que envolvem o futuro da área, tema que ainda gera desconfortos e subterfúgios.

A construção do documentário envolveu entrevistas, levantamento de documentos e interação com a comunidade ao longo de todo o processo. Moradores, frequentadores e pessoas que viveram parte de sua história no Ibirapuera contribuíram

com relatos, fotografias e memórias, ajudando a reconstruir a importância do espaço para a cidade. O projeto também dialogou com estudantes e com a comunidade, promovendo a troca de saberes e o registro de histórias que fazem parte da memória coletiva de Castanhal.

"Entre lembranças, silêncios e disputas territoriais, o documentário propõe um olhar sensível sobre memória, pertencimento e preservação ambiental, a partir da história de um dos espaços mais simbólicos da cidade"

A marca da trajetória do diretor Edivaldo Moura no audiovisual sempre foi o resgate e a preservação das lembranças e registros sobre Castanhal. "A valorização da memória local é um tema muito caro pra mim. Em outros filmes que fiz, sempre busquei valorizar a história de minha cidade, que, lamentavelmente, carece de mais iniciativas de preservação desse legado tão importante", afirma.

Ao longo da produção, o filme também se transformou em uma busca pessoal do diretor para compreender as mudanças ocor-

ridas no local. "Comecei o projeto pensando no filme de uma forma e precisei alterar muito o roteiro, depois de perceber que as pessoas que eu queria que falassem não queriam participar. Acabei assumindo-me dentro do filme, partindo de minhas próprias memórias e buscas para entender o que estava acontecendo com o Ibirapuera e com o Igarapé Castanhal. Tornou-se um dos trabalhos mais pessoais que fiz", relata.

Mais do que um registro sobre o passado, *Silêncio do Parque* é um convite à reflexão sobre memória, pertencimento, cidade e meio ambiente. Ao contar a história do Ibirapuera, o documentário busca provocar a população a pensar sobre o futuro da cidade, sobre a preservação de seus espaços de memória e sobre a importância de olhar para o território como parte da identidade coletiva.

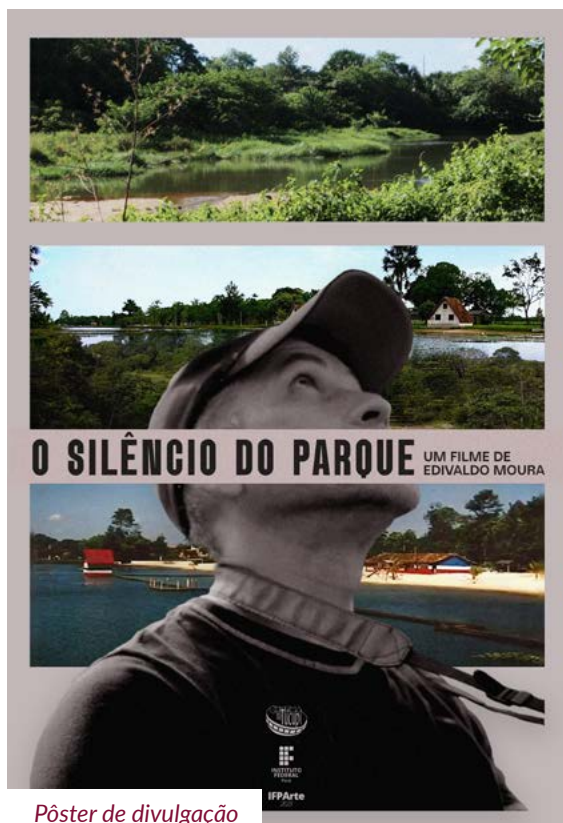
IFPA Reitoria
Ibirapuera Vivo

COORDENADOR
José Edivaldo Moura da Silva

ESTUDANTES
Edinelma Gonçalves dos Reis
Romário Souza da Silva

DOCENTE
Gilberta Carneiro Souto

COLABORADOR EXTERNO
Amílcar Queiroz Carneiro



Pôster de divulgação

***Assista ao filme na íntegra
através do Qr code***



Internacionalização amplia fronteiras do ensino, da pesquisa e da formação cidadã

Texto: Diana Lourenço Luiz

Imagens: Acervo do projeto

Visando a excelência acadêmica e o mundo do trabalho, a internacionalização envolve mobilidade de estudantes/servidores, parcerias internacionais e formação multicultural para competitividade, inovação pedagógica em resposta a demandas globais.

A internacionalização vem se consolidando como uma estratégia do Instituto Federal do Pará (IFPA) para ampliar oportunidades de formação acadêmica, científica e cidadã. A iniciativa envolve intercâmbios estudantis, vivências para servidores, eventos, editais e acordos de cooperação com instituições no Brasil e no exterior.

Em 2025, as ações foram conduzidas principalmente pelo Departamento de Relações Internacionais do IFPA (DEPRI), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão. O departamento é chefiado pelo professor Glauco Lira Pereira, licenciado em Matemática, mestre e doutor em Geofísica Aplicada – Métodos Sísmicos. Conta também com a atuação da professora, tradutora e intérprete de Inglês, Lais Menezes da Costa Sousa. As iniciativas do DEPRI fazem parte do planejamento institucional previsto no Plano de Desenvolvimento Institucional 2024-2028 e buscam aproximar a comunidade

acadêmica de experiências educacionais em contextos globais.

A política de internacionalização foi construída a partir do diálogo com a gestão superior e da escuta das demandas da comunidade acadêmica. A concepção das ações ocorreu principalmente no segundo semestre de 2023, quando foram definidos os projetos e estratégias que orientariam as atividades dos anos seguintes.

Mobilidade acadêmica e cooperação internacional

Em 2025, a internacionalização alcançou diferentes unidades do IFPA. Participaram representantes da Reitoria e dos campi Belém, Ananindeua, Conceição do Araguaia, Santarém, Rural de Marabá, Marabá Industrial e Óbidos.

Ao longo do ano, ocorreram 35 ações. As iniciativas incluíram intercâmbios



Servidores durante a vivência internacional no IPBeja

estudantis, vivências para servidores técnico-administrativos em educação, reuniões diplomáticas e assinatura de acordos internacionais. Entre os instrumentos utilizados estão editais, projetos e parcerias institucionais.

As experiências presenciais ocorreram em cidades como Bragança e Beja, em Portugal, Medellín, na Colômbia, além de atividades virtuais com o Peru. Também foram realizadas vivências nacionais em Natal (RN) e Curitiba (PR). A diversidade de destinos reflete a estratégia de fortalecer redes de cooperação acadêmica e institucional.

Intercâmbios e formação profissional

No campo da mobilidade acadêmica, foram realizados quatro intercâmbios estudantis. Dois deles ocorreram junto ao Instituto Politécnico de Bragança (IPB), em Portugal. Outro integrou o Programa Cidadão Global do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Também houve participação virtual no programa *Global Teams*, em parceria com a *Universidad Continental*, do Peru.

No total, dez estudantes de graduação participaram de ações de internacionalização em 2025: sete em intercâmbios presenciais e três em atividades virtuais. Também participaram seis servidores técnico-administrativos em programas de vivência institucional.

As vivências dos servidores ocorreram em instituições brasileiras e estrangeiras. No Brasil, os servidores visitaram o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). No exterior, a experiência foi realizada no Instituto Politécnico de Beja (IPB), em Portugal.

Parcerias e novos caminhos

O chefe do DEPRI do IFPA, Glauco Lira Pereira, explica que o trabalho com a internacionalização envolve amplos conhecimentos nas áreas de ensino, pesquisa, inovação, extensão e gestão. “O universo da internacionalização é vasto e possibilita alcançar diversos públicos e localidades, tudo bem conectado e direcionado para a formação cidadã dos discentes do IFPA, assim como de seus servidores”.

Outro eixo da internacionalização, citado por Glauco Pereira e Lais Sousa, é o diálogo com instituições estrangeiras. Em 2025, representantes do IFPA participaram de reuniões diplomáticas com delegações de diferentes países, como Colômbia, Portugal, Argentina, Irlanda, Ruanda e República dos Camarões. Como resultado, dez acordos internacionais foram firmados.

As ações também incluíram participação em eventos acadêmicos e encontros sobre cooperação internacional. Entre eles estão o Encontro FAUBAI Norte, a Conferência FAUBAI 2025 e atividades relacionadas à COP30, realizada em Belém.

“O universo da internacionalização é vasto e possibilita alcançar diversos públicos e localidades, tudo bem conectado e direcionado para a formação cidadã dos discentes do IFPA, assim como de seus servidores”

Glauco Pereira e Lais Sousa afirmam que gerir a internacionalização requer domínio na gestão administrativa e de riscos. É preciso planejar o trajeto das proposições e torná-las exequíveis, com cautela e agilidade, tendo clareza sobre os resultados esperados. “Uma reunião diplomática, por exemplo, mesmo que breve, requer que sejam analisadas as equivalências e as diferenças entre as instituições, de forma a unir forças em comum, assim como mitigar ou equilibrar fraquezas para concretude da atividade”.

Desafios e perspectivas

Entre os resultados apontados pelo DEPRI estão o acesso a novos conhecimentos, o desenvolvimento de competências interculturais e a ampliação de redes de cooperação científica. Ao retornar às suas unidades, estudantes e servidores podem compartilhar experiências e contribuir para a disseminação de boas práticas.

A internacionalização é considerada estratégica para o desenvolvimento do IFPA, apesar das limitações de orçamento enfrentadas. Para o próximo ano, os servidores do DEPRI esperam poder ampliar intercâmbios estudantis na América Latina (Colômbia), ampliar a oferta de cursos de idiomas para a comunidade acadêmica e de aperfeiçoamento na área de gestão institucional em Portugal.





Quando os primeiros acordes ecoaram no teatro, não foi só a música que preencheu o espaço, mas também a presença do Instituto Federal do Pará (IFPA), reafirmando seu compromisso com a arte, a cultura e a formação humana. Foi assim que, na noite de 18 de março de 2025, o palco do Theatro da Paz recebeu os músicos do IFPA para um momento simbólico e especial: o I Encontro de Bandas da instituição, realizado como parte da abertura do I Congresso de Extensão do IFPA (Conext).

Quatro bandas participaram do evento, representando os Campi Belém, Castanhal, Tucuruí e Itaituba. Ao todo, os músicos se integraram para formar uma única grande banda, símbolo da articulação institucional e da diversidade cultural presente nos territórios amazônicos atendidos pelo IFPA. Na ocasião, a Banda de Música do Campus Belém retornou ao Theatro da Paz após cerca de quarenta anos e o momento também reafirmou a continuidade histórica da banda, oficialmente reconhecida, por meio da

Lei nº 9.537/2022, como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Pará.

A construção do I Encontro de Bandas foi resultado de um processo colaborativo que envolveu intensas trocas pedagógicas e artísticas. As atividades preparatórias começaram em reuniões promovidas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), nas quais os quatro regentes envolvidos planejaram coletivamente o repertório e organizaram os ensaios. Esse processo favoreceu a interação entre os estudantes músicos, estimulando práticas de escuta, cooperação e troca de experiências, além de fortalecer o sentimento de pertencimento institucional.

“A apresentação no Theatro da Paz ultrapassou o caráter artístico, constituindo-se como um momento de construção de memória, identidade e valorização da educação musical pública”



Maestros e maestrinas do IFPA



Público chegando ao Theatro da Paz

“O I Encontro de Bandas do IFPA configura-se como experiência paradigmática da integração entre arte, educação e extensão. Ao reunir músicos de diferentes Campi no Theatro da Paz, o evento reafirmou o papel da música como linguagem formadora e como instrumento de democratização do acesso à cultura. A iniciativa contribuiu para o fortalecimento das bandas institucionais, para o reconhecimento dos docentes e discentes como agentes culturais e para a consolidação de uma política de extensão voltada à valorização dos territórios amazônicos”, defende o regente do Campus Castanhal, Hudson Trindade.

O regente do Campus Itaituba, Anderson de Sousa, destaca os impactos gerados pela participação do Campus no Encontro. “A participação do IFPA Campus Itaituba na banda intercampi do Conext demonstrou a potência da música como ação extensionista, capaz de integrar Campi, ampliar experiências culturais e promover formação artística e humana. A apresentação no Theatro da Paz, somada à vivência de viagem e ao encontro com estudantes de outros Campi, produziu impactos emocionais e educacionais

significativos, reforçando o protagonismo estudantil e o sentido público da extensão no IFPA”, conta.

O repertório apresentado refletiu a diversidade musical presente nas tradições das bandas, reunindo dobrados, músicas regionais e obras internacionais. Entre as peças executadas estavam Dobrado Jovem Iniciante, Ao pôr do sol, Conquista, Palavras, Archanjo Soares do Nascimento, Escola de Menores, Daqui pra sempre, Ai menina e *How Deep Is Your Love*. Essa pluralidade dialoga com universos musicais distintos, das bandas civis e escolares às expressões populares amazônicas, revelando a riqueza cultural dos territórios representados.

Formação

A experiência produziu impactos em diferentes dimensões. No campo da formação artística, a atuação em uma banda ampliada exigiu maior atenção à regência, escuta entre naipes e rigor em aspectos como afinação e equilíbrio sonoro, especialmente diante das exigências acústicas de um teatro histórico. “A



Banda de Música do IFPA

experiência foi inédita e de muito aprendizado, considerando que os nossos músicos eram iniciantes. Aprenderam a importância da orquestra e a serem conduzidos por regentes muito experientes. Foi singular para todos os músicos a oportunidade de estar no maior teatro da região Norte, cujo palco é para grandes artistas”, relata a regente do Campus Tucuruí, Narcizia Valéria Carvalho.

Para a regente do Campus Belém, Weiller Pessoa, a experiência foi um marco formativo e emocional. “A preparação do espetáculo e a convivência entre estudantes, professores e regentes configuraram-se como um marco formativo e emocional, que permanecerá registrado na memória dos jovens músicos e de todos os profissionais envolvidos. A apresentação no Theatro da Paz

ultrapassou o caráter artístico, constituindo-se como um momento de construção de memória, identidade e valorização da educação musical pública, em consonância com os princípios de preservação do patrimônio cultural imaterial”, afirma.

No plano institucional, o encontro promoveu integração entre estudantes de diferentes Campi, ampliando vínculos e reforçando a identidade coletiva do IFPA. Sob a perspectiva etnomusicológica, o encontro valorizou práticas musicais diversas e reafirmou a música como elemento de coesão social, celebração e resistência cultural na Amazônia. Mais do que uma apresentação artística, o evento consolidou-se como espaço de aprendizagem, socialização e reconhecimento das identidades locais.



Banda de Música do IFPA



Aferição de pressão em estudante

Saúde e autocuidado são temas de projeto no IFPA

Texto: Diana Lourenço Luiz

Imagens: Acervo do projeto

Evento sobre saúde busca informar, conscientizar e promover ações sobre a importância do autocuidado, capacitando o público para a utilização de práticas de proteção e promoção da saúde e bem-estar pessoal e no ambiente de trabalho e escolar, contribuindo para mudanças de hábitos e atitudes.

Conhecimento sobre saúde, auto-conhecimento e autocuidado foram os resultados da VIII Semana da Saúde do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) campus Rural de Marabá. Promovida pelo Departamento de Assistência e Saúde da Comunidade Acadêmica (DASCA), trata-se de um projeto de extensão desenvolvido no período de 14 de março a 2 de maio de 2022 e que resultou em dois dias de intensa programação no campus, em 7 e 8 de abril do mesmo ano.

Em formato híbrido, a iniciativa combinou atividades presenciais, realizadas pela manhã e à tarde, com programações remotas no período da noite via Google Meet. Ao todo, foram 27 ações distribuídas entre palestras, oficinas, rodas de conversa e práticas integrativas, alcançando 252 participantes entre estudantes, servidores, terceirizados e membros da comunidade ao redor do campus.

A abertura do evento contou com a presença de gestores da instituição. Definiu o tom do que viria a seguir: uma jornada de aprendizado coletivo. Relatos de experiências de profissionais e estudantes abriram espaço para reflexões sobre os desafios da saúde no ambiente escolar. Na sequência, vieram

as palestras que abordaram temas como qualidade do sono, alimentação, saúde mental, atividade física e prevenção de doenças.

Mais do que diálogo, o evento gerou prática de cuidados com a saúde por meio da oferta de aula, caminhada e momento cultural. O relatório aponta que foram ofertados aos participantes serviços essenciais como vacinação contra gripe, sarampo e Covid-19, testes rápidos para HIV, sífilis e hepatites B e C, além de aferição de pressão arterial e exames de glicemia. Promoveu também trocas de saberes, prevenção e promoção da qualidade de vida.

As oficinas trouxeram um diferencial ao estimular o protagonismo dos participantes. Foram ofertadas noções básicas de primeiros socorros, yoga para alívio do estresse, artesanato terapêutico, xadrez e dama. Cada atividade criou espaço de interação e aprendizado aos participantes. As atividades como caminhada, aula funcional reforçaram a importância do movimento para o bem-estar físico e emocional. Ao todo foram 27 atividades, sendo 11 palestras presenciais (importância do sono; riscos da automedicação; brucelose e tuberculose; hipertensão, diabetes, síndrome de Burnout; transtorno alimentar; diversidade e cultura; manejo de resíduos sólidos; plantas medicinais e hortaliças; nutrição e saúde; dicas para comer bem; produção de marmitas; gripe; Covid-19; vacinação) e uma remota, quatro oficinas, três rodas de conversa.

“O trabalho de promoção da saúde com os estudantes e servidores busca desenvolver em cada um a capacidade de interpretar o cotidiano e atuar de modo a incorporar atitudes e/ou comportamentos adequados para a melhoria da qualidade de vida”

Nas próprias vivências do campus e no cotidiano dos estudantes, foram observadas dificuldades com o sono, alimentação inadequada e impactos no rendimento acadêmico, situações que motivaram a construção de uma programação voltada a essas necessidades. A proposta foi ampliada para além dos muros da instituição, envolvendo também a comunidade externa.

O êxito da iniciativa está diretamente relacionado à equipe organizadora, formada por profissionais de diferentes áreas, como saúde, educação e gestão. “Servidores, es-

tudantes e parceiros externos atuaram de forma integrada, evidenciando o papel da interdisciplinaridade na construção de ações mais eficazes e humanas”, avalia a nutricionista do IFPA Campus Rural de Marabá, coordenadora da ação, Leidian Coelho de Freitas.

Ao final, a VIII Semana da Saúde deixou como legado o cuidado coletivo, o incentivo ao autocuidado e a certeza de que o IFPA também é espaço de promoção da vida. “Essa experiência me proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a importância da educação em saúde e o papel fundamental da interdisciplinaridade para promover o bem-estar físico, mental e social dos estudantes”, comenta Leidian de Freitas.



Teste glicêmico em estudante

IFPA Campus Marabá Rural
VIII Semana da Saúde do Instituto
Federal de Educação Ciência e Tecnologia
do Pará - Campus Rural de Marabá

COORDENADORA

Leidian Coelho De Freitas

ESTUDANTES

Paula Graziela Prates Costa

SERVIDORES

Alan Bruno da Silva Araújo

Antônio Ferreira da Silva

Bruno Lima Freitas

Célia da Silva Nunes

Deusanete Pinto Machado

Divina Eliane Silva Nogueira

Ingrid Ferreira Soares da Silva

Jerusa Ainoã Palheta de Souza

Lourival Franco de Sá Neto

Maria da Paz Demes Gonçalves

DOCENTES

Pedro Paulo Souza Brandão

Tatiane de Cassia Silva da Costa





Em poucas palavras, o Plano Nacional de Comitês de Cultura (PNCC), criado pelo Ministério da Cultura (MinC), em 2023, trata-se da articulação territorial nacional que visa ações de mobilização social, formação em direitos e políticas culturais, apoio à elaboração de projetos e parcerias, comunicação social e difusão de informação e conhecimento sobre as políticas culturais. O objetivo é promover um movimento contrário, fortalecendo o Sistema Nacional de Cultura (SNC) a partir das comunidades e seus territórios.

Nessa perspectiva, o PNCC previu a formação de Agentes Territoriais de Cultura (ATC): pessoas físicas que, junto aos Comitês regionais, pudessem agir e pensar cultura a partir de suas próprias experiências culturais e territoriais. Foram selecionados 601 fazedores de cultura por todo o país. Em cada região brasileira, foi escolhido um Instituto Federal para coordenar as ações formativas.

O Instituto Federal do Pará (IFPA), por meio de sua Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), foi a instituição responsável pelo grupo nortista: 64 selecionados, oriundos de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e demais comunidades tradicionais e de periferias urbanas, dos sete estados da região: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Embora o processo formativo tenha enfrentado desafios esperados pela atuação territorial diversa inerente a qualquer

região, a dificuldade de acesso à internet e o desnívelamento do letramento digital entre os ATC também foram questões observadas. Por outro lado, foi justamente a capilaridade regional que proporcionou maior valorização da diversidade cultural e o incentivo à participação cidadã no âmbito do SNC.

Em execução há dois anos, o PNCC ofertou no Norte três cursos a distância de formação inicial e continuada (FIC), cada um com 160h: “Agente Territorial de Cultura: introdução à cultura e políticas culturais”, “Agente Territorial de Cultura: Elaboração de Projetos e Fomento à Cultura nos Territórios” e “Agente Territorial de Cultura: territorialização das políticas culturais”.

“Ao longo do percurso, tornou-se mais evidente a importância de iniciativas como o PNCC para fortalecer o acesso às políticas públicas de cultura, especialmente para pessoas e comunidades que historicamente não reconheciam essas políticas como uma possibilidade concreta de participação e direito”, destaca Suellen Santos, coordenadora pedagógica do projeto.

O número de beneficiados pelo PNCC é imensurável, pois, integrado ao processo formativo ampliado, o projeto conta com os ATC como multiplicadores, com a realização de Círculos de Cultura estaduais quinzenais, para problematização e diálogo sobre a cultura dos territórios, além de ações estruturadas de comunicação, mobilização e formação



Mesa-redonda no 1º Encontro Regional de Agentes Territoriais de Cultura do Norte

nos territórios; a construção de portfólios e sistematização das atividades realizadas; mapeamento participativo para uma Cartografia Cultural Popular; e a participação em encontros de integração.

Foi em Belém, aliás, durante o I Congresso de Extensão do IFPA (Conext), em março de 2025, que houve o 1º Encontro Regional de Agentes Territoriais de Cultura. O evento marcou por ser o primeiro evento presencial entre ATC no âmbito do PNCC, servindo de modelo para as outras regiões. Em novembro seguinte, o Encontro Nacional do Programa Nacional dos Comitês de Cultura, em Brasília, encerrou o ciclo de encontros,

com 54 agentes, sob coordenação do IFPA, compondo a caravana cultural do Norte.

“O trabalho desenvolvido na PROEX exigiu constante diálogo e sensibilidade para lidar com as especificidades de um programa pioneiro e inovador. A experiência foi extremamente relevante, pois possibilitou contribuir de forma concreta para a ampliação do acesso à formação cultural dos ATC de nossa região, haja vista que iniciativas como essa, tão necessárias para o fortalecimento das práticas educativas inclusivas e qualificadas no campo da cultura e da arte, ainda são escassas”, avalia a coordenadora executiva do PNCC no Norte, Adriana Oliveira.



Estande do PNCC no 1º Encontro Regional de Agentes Territoriais de Cultura do Norte



Apresentação cultural durante o 1º Encontro Regional de Agentes Territoriais de Cultura do Norte

Cinco décadas em harmonia: encontro fortalece memória e formação musical no IFPA

Texto: Lívea Colares

Imagens: Acervo do projeto

Evento reúne alunos, egressos e comunidade em uma programação formativa e cultural que valoriza a memória da Banda de Música do IFPA Campus Belém e fortalece a educação musical ao longo de mais de cinco décadas.

Mais do que uma reunião de músicos, o “III Encontro de Egressos e Alunos da Banda de Música do IFPA Campus Belém: cinco décadas de saberes, história e memória” consolidou-se como uma experiência formativa, cultural e afetiva que atravessa gerações. Realizado em Belém, o projeto integrou estudantes, egressos e a comunidade em torno da valorização da música como instrumento de educação, memória e transformação social.

O projeto teve como objetivo central promover a integração entre discentes do Campus, ex-integrantes da banda e o público externo, por meio de ações educativas e culturais. A proposta se desdobrou em atividades como oficinas, masterclasses, palestras, mesas-redondas e concertos, criando um espaço para a troca de saberes, experiências e vivências musicais.



Palestra sobre cuidados, higiene e manutenção preventiva dos instrumentos de sopros



Mesa-redonda: A Banda e a escolha profissional - narrativas e perspectivas

A história do Encontro remonta a 2018, quando foi realizada a primeira edição com foco na aproximação entre alunos e egressos. Em 2020, durante a pandemia de Covid-19, o evento ganhou formato remoto, com a produção de um documentário em celebração aos 50 anos da banda. Já em sua terceira edição, o projeto ampliou seu escopo, assumindo um caráter mais acadêmico e formativo, fortalecendo o vínculo entre ensino, extensão e cultura.

Essa evolução acompanha o reconhecimento da Banda de Música do IFPA Campus Belém como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Pará, título que reforça sua relevância histórica e social. Ao longo de mais de cinco décadas, a Banda tem desempenhado papel fundamental na formação musical de estudantes e na promoção de ações culturais junto à comunidade.

"Com oficinas, concertos e trocas de experiências, o encontro destaca a música como ferramenta de formação, integração e preservação da história institucional do IFPA"

"A importância do projeto para a comunidade local reside na ampliação do acesso a ações culturais e formativas, por meio de concertos, palestras e atividades abertas ao público, fortalecendo a relação do IFPA com a sociedade e valorizando a Banda de Música como patrimônio cultural e espaço de memória coletiva. O projeto promoveu a aproximação entre a instituição e a comunidade, estimulando a participação cultural e o reconhecimento da produção artística local", destaca a coordenadora do projeto, Weiller Pessoa.

Para os estudantes, o projeto também trouxe muitos aprendizados. "Para os discentes, o projeto foi relevante por proporcionar formação musical ampliada, aliando prática instrumental, desempenho artístico e aprendizagem teórica, além do contato direto com egressos, possibilitando trocas de experiências e referências sobre trajetórias profissionais no campo da música", defende Weiller Pessoa.

O Encontro foi estruturado em três eixos: formador, performático e interativo. No eixo formador, foram realizadas oficinas de

leitura de partituras, mecânica e manutenção de instrumentos, além de debates sobre a atuação profissional no campo da música. Já o eixo performático envolveu ensaios, preparação de repertório e apresentações musicais, com destaque para o concerto final, que reuniu alunos, egressos e o público em geral. O eixo interativo, por sua vez, priorizou o compartilhamento de narrativas e experiências, fortalecendo a memória institucional e os vínculos entre os participantes.

O projeto alcançou resultados expressivos. Ao todo, mais de 255 participantes internos, entre discentes e servidores, e 24 externos, incluindo egressos e membros da comunidade, estiveram envolvidos nas atividades. A integração entre esses públicos foi um dos principais destaques, evidenciando o potencial transformador da música no ambiente educacional.

Com caráter bianual, o Encontro de Egressos e Alunos da Banda de Música do IFPA Campus Belém segue como uma ação contínua e estratégica para a instituição. "A experiência acumulada ao longo dessas edições reforça a intenção de tornar o Encontro um evento tradicional do IFPA, especialmente no campo das bandas de música, promovendo o envolvimento articulado de discentes, egressos, servidores e comunidade externa. Nesse sentido, a continuidade do projeto se apresenta como estratégica para o fortalecimento da memória institucional, da formação musical, da produção artístico-cultural e da extensão, com potencial para ampliar seu caráter acadêmico e seu alcance social nas próximas edições", projeta a coordenadora.

IFPA Campus Belém
III Encontro de Egressos e Alunos da
Banda de Música do IFPA Campus
Belém: cinco décadas de saberes, história
e memória.

COORDENADOR
Weiller Adriana da Silva Pessoa

COLABORADORES
Barbara Monteiro dos Santos
Gabriel Castro de Sousa
Layne Souza de Araújo
Marcio Amorim Barreto
Willian Pablo de Souza Ribeiro



Maquete do projeto de casa ribeirinha sustentável

Ribeirizar: a voz ribeirinha no planejamento técnico de seu próprio lar

Texto: Íris de Araújo Jatene

Imagens: Lériton da Silva Brito e Willian Estrela da Cunha



Imagina um modelo de casa popular planejada para as necessidades e condições dos povos ribeirinhos? Pois as professoras do Campus Belém do Instituto Federal do Pará (IFPA) Eliana Machado e Mônica Silva não apenas pensaram, como estão colocando em prática. Com o projeto “Ribeirizar: saúde e ambiência do ribeirinho amazônico”, as docentes dos cursos Técnico em Design de Interiores e Especialização em Tecnologia Social, Saneamento, Saúde e Ambiente na Amazônia foram até comunidades próximas da capital paraense para projetarem, a partir

da vivência com essas comunidades, um modelo de casa popular que atendesse de fato as necessidades das famílias ribeirinhas.

De acordo com Eliana, coordenadora do projeto, a ideia surgiu de uma visita técnica a uma comunidade, para conhecer tecnologias sociais desenvolvidas para a captação da água da chuva e soluções para esgoto desenvolvidas por uma colega professora de outra instituição. O que Eliana e Mônica viram, no entanto, foi além: as carências daquela população precisavam de alternativas que abrangessem mudanças na casa toda.

“Já tínhamos observado, por meio de nossas pesquisas anteriores, que os recursos destinados a comunidades tradicionais na Amazônia muitas vezes falham em resolver questões de moradia e saneamento, justamente por não respeitarem as tradições e o modo de vida local. Por isso, seria importante que o olhar fosse a partir da casa dos ribeirinhos. Assim, nasceu o Ribeirizar, com a proposta de pensar soluções de tecnologias sociais a partir da estrutura da casa e da identidade de quem nela habita”, explica a docente.

O projeto iniciou no final de 2023, enquadrando-se a Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, em especial no de número 11 (cidades e comunidades sustentáveis) e no 10 (redução das desigualdades), sem perder de vista os diversos outros ODS. Atualmente, o Ribeirizar está na fase de apresentação de resultados preliminares, compilando diagnósticos e soluções desenvolvidas junto às comunidades da Ilha das Onças (Barcarena) e do Porto Ceasa (Belém). A próxima fase é a de implantação de módulos experimentais.

“Escolhemos essas localidades justamente pelos contextos diferenciados que apresentam. Na Ilha das Onças, as casas são mais distantes entre si e a variação da maré é acentuada. Já na Porto Ceasa, encontramos um cenário de maior adensamento, com casas muito próximas umas das outras e uma variação de maré menor. Essa dualidade é fundamental para que o projeto desenvolva tecnologias sociais que não sejam genéricas, mas sim adaptadas às particularidades de cada território ribeirinho”, afirma a coordenadora do projeto.

Assim, a metodologia usada pelas pesquisadoras foi a Pesquisa-Ação, em que o conhecimento é construído junto com a população envolvida. Foram desenvolvidas

quatro etapas: diagnóstico sociofísico e ambiental; escuta ativa e cartografia social; desenvolvimento e implantação de módulos experimentais de habitação; e monitoramento e sistematização. Para 2026, o plano é construir dois módulos de monitoramento: um na Ilha das Onças e outro no IFPA Campus Belém, que servirá como um laboratório.

O projeto envolve diretamente, hoje, doze estudantes e sete professores, bem como cerca de vinte pessoas das comunidades. Contudo, quando concluído, o Ribeirizar pode beneficiar qualquer comunidade ribeirinha da Amazônia, já que se poderá acessar os parâmetros publicados e utilizá-los em

suas realidades. “O projeto não impõe soluções externas; ele integra tecnologias sociais aos saberes tradicionais, focando em melhorias diretas na saúde e no bem-estar”, destaca Eliana. Além disso, “para os alunos, o Ribeirizar representa a materialização do tripé ensino, pesquisa e extensão. Eles deixaram de ser apenas espectadores da teoria para se tornarem protagonistas na solução de problemas reais da sua região”, completa.

O projeto tem se destacado por essa articulação entre ensino, pesquisa e extensão que respeita os saberes tradicionais das comunidades envolvidas. Foi o produto premiado em 1º lugar no I Congresso de



Projeto Ribeirizar sendo apresentado na Green Zone da COP30



Projeto sendo apresentado durante o I CONEXT em Belém

Extensão do IFPA, em 2025, e o protagonismo discente tem proporcionado a participação ativa em mostras, artigos e vídeos em eventos acadêmicos. Na Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas (COP30), realizada em Belém, em novembro passado, o Ribeirizar foi vitrine de sustentabilidade no estande do Ministério da Educação e como iniciativa relevante exposta também pelo Ministério das Cidades. Há textos sobre o projeto também em publicações lançadas durante a COP30: Coletânea Rede Amazonidades (Editora Senado) e na publicação do encontro “Ciudades para la Vida na Amazonía”, do Instituto Sinchi (Colômbia).

De acordo com a coordenadora, o projeto ainda está longe de acabar, com ações previstas de monitoramento pós-ocupação, geração de renda e economia circular, políticas públicas e replicabilidade e de educação em rede.

“O grande diferencial dessa experiência é ver o projeto de extensão ganhar um significado social profundo: ele deixa de ser apenas o cumprimento de uma carga horária para se tornar um processo de transformação mútua. De um lado, entregamos soluções técnicas e parâmetros de sustentabilidade para as habitações; do outro, recebemos um aprendizado humano que não se encontra nos livros. Esta experiência me ensinou que

a excelência técnica só é alcançada quando aliada à escuta e ao respeito aos saberes tradicionais, especialmente na nossa realidade Amazônica que é rica em diversidades.”, conclui Eliana.

IFPA Campus Belém
RIBEIRIZAR: saúde e ambiência do ribeirinho amazônico

COORDENADORAS

Eliana Souza Machado Schuber
Mônica Nazaré Espírito Santo da Silva

EGRESSOS

Adrielly Larissa Braga Lima
Agatha Leandra Lira Xavier
Ana Paula Matos De Souza
Cinthya Manuely Ferreira Aleixo
Élida Sousa De Melo
Evelyn Silva Matos
Gabrielle Amarijo Correa
Guilherme Marques Calandriny Azevedo
Hérika Conceição Aviz
Júlia Caroline De Gusmão Rodrigues
Lays Luiza Costa Honorato
Samara Lys Tavares Silveira



MaNas, uni-vos! Projeto promove o empoderamento empreendedor feminino

Texto: Íris de Araújo Jatene

Imagens: João Augusto Tavares Rodrigues

Quando viu o edital do Programa IF Diversidades, no final de 2024, lançado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) em conjunto com as Pró-Reitorias de Ensino (PROEN) e de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PROPPG) do Instituto Federal do Pará (IFPA), a professora Gabriela de Vasconcelos, vinculada ao Campus Altamira, viu uma oportunidade.

Com vasta experiência e conhecimento na área de administração e gestão de negócios em empreendimentos feitos por mulheres, Gabriela submeteu uma proposta com o objetivo de fomentar o empreendedorismo feminino local por meio do mapeamento, diagnóstico e capacitação das empreendedoras da região. Assim nasceu o projeto “MaNas Empreendedoras – empoderamento feminino no Xingu”.

O projeto se desenvolveu de março a setembro de 2025 e envolveu, portanto, diversas etapas, iniciando por cartografar empreendimentos locais geridos por mulheres, seguindo pela elaboração de um diagnóstico participativo do perfil desses empreendimentos e suas empreendedoras, a fim de compreender desafios, potencialidades e necessidades. Após esse momento, foram realizadas a sensibilização e engajamento das mulheres nas ações, por meio da integração pelas redes sociais e atividades de capacitação para mulheres já empreendedoras ou que gostariam de começar seus próprios negócios. As duas palestras e quatro oficinas realizadas tiveram temas escolhidos pelas próprias mulheres envolvidas.

Dessa forma, Gabriela envolveu 29 MaNas Empreendedoras, sendo uma



docente voluntária, duas terceirizadas, quatro discentes, uma egressa e 21 mulheres empreendedoras locais. De acordo com a coordenadora, o projeto se mostrou relevante com impacto visível no aspecto social, promovendo equidade de gênero e o empoderamento feminino por meio de escuta ativa, acolhimento e apoio com a criação de uma comunidade empreendedora, fortalecendo negócios locais, por meio de ferramentas práticas e fomentando a geração de renda. Além disso, ao sistematizar dados sobre o empreendedorismo feminino na região, contribuiu para o desenvolvimento de soluções mais eficazes e potencial embasamento para políticas públicas.

“O projeto é de suma importância para as mulheres empreendedoras da região do Xingu, uma vez que mobiliza, engaja e capacita empreendedoras experientes e potenciais empreendedoras por meio da criação de uma comunidade composta por mulheres e para mulheres a fim de desenvolver atividades alinhadas com as necessidades deste público”, resume Gabriela.

O MaNas nasceu querendo ser ainda maior: com a constatação de sua efetividade e reprodutibilidade, após pequenas correções metodológicas para alcançar o seu público-alvo, a ideia é que se siga com o Programa MaNas, levando adiante o braço empreendedor, mas criando outras comunidades de MaNas, como o MaNas Cientistas, por exemplo.

Por motivos pessoais, Gabriela está em processo de vacância na instituição para outro Instituto Federal, porém continua animada com o Programa: deseja que outras docentes adotem o Programa dentro do IFPA e, quem sabe, em outras instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

“O maior ensinamento desta experiência trata-se da necessidade de construir a proposta de projeto em conjunto com a comunidade a fim de alinhar as demandas reais e locais. Pessoalmente e profissionalmente, fica a experiência de que é preciso ter empatia, conhecer a comunidade e a cultura local onde vamos atuar”, conclui a docente.

IFPA Campus Altamira
MaNaS Empreendedoras -
Empoderamento feminino no Xingu

CORDENADORA
Gabriela de Vasconcelos

ESTUDANTES
Jaqueline de Sousa da Costa
Pamela Rayssa Esquerda Menezes
Thálita Azevedo de Sousa

COLABORADORA
Laísa Maria de Resende Castro

Pronatec Aquicultura atende a mais de 400 participantes de 16 municípios do Pará

Texto: Hericley Serejo

Imagens: Lériton da Silva Brito

Pescar é uma das atividades mais antigas já registradas. Seja realizada de forma artesanal ou a partir da produção em cativeiro, como ocorre na aquicultura, a pesca é fundamental para a subsistência humana. Na Amazônia, entrelaçada às questões culturais da região, ela assume uma importância ainda maior, fazendo parte da base alimentar das populações, principalmente, de comunidades indígenas, ribeirinhas e de áreas rurais.

De práticas familiares à escala industrial, as atividades pesqueiras são de grande relevância para a economia no estado do Pará, como discute recente obra lançada pela Editora do IFPA sobre “Educação do campo, pesca, aquicultura e meio ambiente”.

Tamanha importância torna os conhecimentos sobre pesca e aquicultura primordiais para a Educação Profissional e Tecnológica ofertada no estado, sobretudo quando a intenção é alinhar o processo de ensino e aprendizagem aos arranjos produtivos locais. Foi essa a perspectiva que deu base ao programa Linha de Fomento da Bolsa-Formação Aquicultura.

A Bolsa-Formação Aquicultura é uma iniciativa realizada no âmbito do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) em parceria com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC/MEC) e a Secretaria Nacional de Aquicultura (SNA) do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA).

Em três anos, desde 2023, o programa já atendeu mais de 400 estudantes nos cursos de Agente de Desenvolvimento Cooperativista, Aquicultor, e Operador de Beneficiamento de Pescado, com a pactuação

para oferta de mais 450 vagas em próximos ciclos, totalizando 950 participantes que serão atendidos. O relevante alcance dessas formações é representado pela diversidade de municípios que sediaram os cursos, alinhado ao objetivo de democratizar a qualificação profissional e ampliar as oportunidades de inserção no mundo do trabalho.

Além da capital Belém, outros 16 municípios foram atendidos: Abaetetuba, Bragança, Breves, Castanhal, Itaituba, Paragominas, Rural de Marabá, Santarém, Tucuruí e Vigia, além de polos remotos em Curuçá e Salinas (ofertado pelo Campus Castanhal), Santo Antônio do Tauá (ofertado pelos Campus Vigia) e de Goianésia e Breu Branco (ofertado pelo Campus Tucuruí).

"O relevante alcance dessas formações é representado pela diversidade de municípios que sediaram os cursos, alinhado ao objetivo de democratizar a qualificação profissional e ampliar as oportunidades de inserção no mundo do trabalho"

Para o coordenador do programa, o professor Francisco Oliveira de Sousa Neto, “Ações como essa pactuadas pela PROEX possibilitam fortalecer o tripé institucional, levando o Instituto Federal às comunidades, fortalecendo o diálogo com os territórios e evidenciando como a partilha de conhecimentos contribui para a transformação das realidades locais”.

Os cursos proporcionaram aos parti-

cipantes a discussão de conhecimentos teóricos sobre estruturação, manejo e de organização administrativa e atividades práticas com o desenvolvimento ou implantação de projetos, buscando fortalecer os laços comunitários e estimular a formação de cooperativas. Contando com um público diverso, Francisco Oliveira destaca a inclusão que o programa possibilitou a quem nunca havia tido a oportunidade de participar de formações desse tipo. “O programa contribuiu para a retomada de muitos participantes, de idade mais avançada, aos espaços escolares, fortalecendo as interações sociais e o convívio com outros membros da comunidade. Para muitos, foi o primeiro diploma recebido num espaço escolar”, pontuou.

Os cursos sempre estiveram atentos às demandas de populações específicas. Na primeira etapa, formada pelas primeiras 11 turmas ofertadas até 2024, o Campus Itaituba destinou 33% de suas vagas a indígenas da etnia Munduruku, pertencentes à região. O Campus Belém atendeu à comunidade de pescadores de Outeiro, enquanto o Campus Vigia a comunidades ribeirinhas de Santo Antônio do Tauá, e Castanhal a ribeirinhos

de Curuçá. O Campus Paragominas integrou participantes do Condomínio Rural e da Vila do Uraim, localizados em regiões próximas e, o Campus Abaetetuba contemplou moradores das ilhas adjacentes. Das 16 turmas, cinco ainda estão em andamento em Abaetetuba, Itaituba, Bragança e Belém, correspondendo à segunda etapa do programa. Nesse percurso, a iniciativa tem contribuído para o fortalecimento da atuação do IFPA, estreitando os vínculos com as comunidades atendidas e promovendo a partilha de saberes, um dos principais pilares da instituição.

IFPA Campi Abaetetuba, Belém, Bragança, Breves, Castanhal, Itaituba, Marabá Rural, Paragominas, Santarém, Tucuruí e Vigia
Linha de Fomento da Bolsa-Formação Aquicultura

COORDENADOR

Francisco Oliveira de Sousa Neto



Autoridades e concluintes durante a entrega de certificados do Pronatec Aquicultura em Belém

IFPA promove inclusão com intervenções pedagógicas, tecnológicas e metodológicas, no contexto educacional

Texto: Diana Lourenço Luiz

Imagens: Acervo do projeto

Equipe desenvolve materiais didáticos acessíveis, oficinas metodológicas e ações formativas on-line, com ênfase em tecnologias assistivas e ensino inclusivo.

“Inclusão e acessibilidade - Intervenções pedagógicas, tecnológicas e metodológicas, no contexto educacional de atuação do IFPA Campus Santarém, em tempos de pandemia”, um projeto de extensão do Instituto Federal do Pará, tem alcance regional e participação de comunidade externa via ambientes virtuais de aprendizagem e redes sociais institucionais.

O projeto surgiu do reconhecimento do dever institucional de garantir a universalização, a autonomia e a apropriação do conhecimento pelos educandos. Para tanto, buscou responder às demandas emergentes da vida social e profissional com estratégias capazes de assegurar oportunidades educacionais a todos. O mesmo foi desenvolvido durante dez meses, no período de 1º de março a 31 de dezembro de 2021.

Com metodologia híbrida, integrou oficinas presenciais e remotas, sistema de videoconferência, plataformas digitais de aprendizagem, vídeo institucional “Teatro em Libras – Tabela Periódica Inclusiva”, materiais didáticos acessíveis para pessoas com deficiência em formato digital e blog educacional com livre acesso. Com isso, alcançou um público de 470 pessoas, das quais 220 eram da comunidade acadêmica do IFPA – estudantes do curso técnico



Equipe participante do projeto

integrado, servidores docentes e técnicos – e 250 de público externo.

O projeto foi financiado pelo edital institucional Proextensão que garantiu os recursos necessários à execução das atividades e compras de equipamentos. Também obteve suporte do IFPA Campus Santarém para uso do espaço institucional e de equipamentos. “O reconhecimento institucional e o resultado científico (livro e prêmios) reforçaram a relevância da extensão como instrumento de cidadania e inovação educacional”, avalia a professora Luísa Helena Silva de Sousa.

A equipe do projeto desenvolveu produtos educacionais inclusivos e execução de oficinas didáticas em que foram adotadas medidas de biossegurança para minimizar riscos. Os conhecimentos foram socializados por meio do I Workshop de Inclusão e Acessibilidade do IFPA Campus Santarém. Além disso, houve a produção e publicação do e-book “Inclusão & Acessibilidade – Volume 1: Ensaio, reflexões, proposições e desafios” pela RFB Editora, em 2022.

“o projeto foi idealizado para garantir direitos, ampliar a participação e promover uma vivência acadêmica e social plena, ainda que em regime remoto”

Como impacto, o projeto alcançou 180 pessoas, das quais 160 da comunidade externa e 20 da comunidade interna. Sua relevância foi reconhecida pela Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Reditec) 2021, na categoria de Experiências Exitosas em Inclusão. Conquistou, também, destaques na Assembleia Legislativa do Estado do Pará (Alepa), por meio de moção de aplauso. No CONEXT 2025, alcançou visibilidade acadêmica e formativa. No fim, fez a doação de equipamentos ao Núcleo de Tecnologias Assistivas (NTA/IFPA- Santarém). “A vivência reafirmou valores de resiliência, empatia e responsabilidade social, destacando que a inclusão exige tanto sensibilidade quanto rigor técnico”, destacou a professora Luísa Helena.

Para a professora, o projeto buscou garantir direitos, ampliar a participação e promover uma vivência acadêmica e social plena, ainda que em regime remoto. “Identificou-se a necessidade de consolidar parcerias institucionais e formalizar o NTA/IFPA-Santarém, espaço que hoje dá continuidade às atividades, utilizando os equipamentos e metodologias desenvolvidas”.

“Essa foi uma experiência enriquecedora, profundamente significativa e transformadora. Requereu adaptação constante, sensibilidade social e compromisso ético com a inclusão”, avalia a professora Luísa Helena.

Acesse ao livro na íntegra através do Qr code



**IFPA Campus Santarém
INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE -
Intervenções Pedagógicas, Tecnológicas e
Metodológicas, no Contexto Educacional
de atuação do IFPA/Campus Santarém,
em Tempos de Pandemia**

COORDENADORA

Luisa Helena Silva de Sousa

EGRESSOS

Bruno Andrade da Gama
Jocenara Oliveira Viana
Natália Ribeiro Lopes
Nicole Oliveira Pinheiro

COLABORADORES EXTERNOS

Edivalda Nascimento da Silva
José Reginaldo Pinto de Abreu
Julio Nonato Silva Nascimento
Nila Luciana Vilhena Madureira



Equipe do Mexericos na Maré no estúdio de gravação

Mexericos na Maré: para ouvir os maretórios do futuro

Texto: Filipe Sanches
Imagens: Acervo do projeto

Premiado pelo CNPq, podcast Mexericos na Maré, de Bragança, é janela aberta para a pesquisa e a ciência feita na Amazônia Atlântica

Há uma Amazônia regida pelo ritmo das marés. Uma porção do mapa onde a vida, o trabalho e os saberes se organizam a partir das águas. São os chamados maretórios, que delineiam um modo de viver em uma Amazônia que também é oceânica, marcada pelo encontro entre rios, mar e gente.

O conceito de maretório, que ecoa na academia e nos movimentos sociais, atravessa a quarta temporada do podcast Mexericos na Maré, disponível no Spotify. Produzido em Bragança (PA), o projeto articula ciência, cultura e comunicação para traduzir o que se faz nas instituições de pesquisa da região para quem vive nos próprios maretórios.

Resultado da parceria entre a UFPA e o IFPA, o podcast reúne uma equipe diversa, formada majoritariamente por estudantes, que dividem entre si as tarefas de pautar, produzir, gravar e editar os episódios. Um esforço coletivo que tem rendido frutos.

Em 2025, o reconhecimento veio em escala nacional: o Mexericos na Maré conquistou o 2º lugar no Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica, do CNPq/MCTI, levando Bragança ao palco mais celebrado da divulgação científica no país.

O prêmio, concedido em nome do professor Josinaldo Reis, o Tio Bil, coordenador do projeto pelo IFPA, reconhece uma trajetória de quase cinco anos de trabalho e articulação entre estudantes, pesquisadores e artistas. Nesse período, foram produzidos mais de 40 episódios, abordando temas que vão das mudanças climáticas aos modos de vida das populações tradicionais.

Trajatória

O Mexericos surgiu em 2020, na pandemia de covid-19, de uma necessidade observada pela professora Roberta Barboza, do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão Pesqueira (LabPexca/UFPA): era preciso falar de pesquisa e de ciência, mesmo com todas as restrições que se impunham. As primeiras

entrevistas foram feitas com pesquisadores da região pelo Google Meet e deram forma ao Mexericos. Passadas as restrições da covid-19, as gravações passaram a ser feitas no IFPA, onde um estúdio foi criado para abrigar a iniciativa: o Laboratório de Criação e Experimentação Audiovisual, o LabCria.

Até a terceira temporada, os episódios eram estruturados em blocos de entrevistas. Cada edição reunia um pesquisador, um mestre da cultura popular ou um artista para discutir um tema comum que atravessasse suas trajetórias.

Na última temporada, realizada com o apoio do Instituto Serrapilheira e com mentoria de jornalistas da equipe da Rádio Novelo Apresenta, o projeto passou a investir em narrativas mais elaboradas. O fundamento, porém, permaneceu o mesmo: jogar luz sobre temas urgentes e compartilhar com o público o que se produz na academia.

“A gente tem buscado traduzir conhecimentos científicos para uma linguagem mais acessível, usando histórias, experiências locais e a vivência das comunidades”, explica o professor Josinaldo Reis.

Essa tradução não é apenas técnica, mas também política e cultural. Ao dar voz a pesquisadores, estudantes e moradores



Mexericos na Maré no evento Bora Mexericar!?

dos territórios, o podcast contribui para reduzir a distância entre ciência e sociedade, reposicionando o conhecimento como prática social.

Produzido por estudantes do IFPA e da UFPA em Bragança (PA), o podcast Mexericos na Maré se consolida como experiência de divulgação científica na Amazônia Atlântica, conectando ciência, território e comunidade

Na série mais recente, “Maretórios do Futuro”, o projeto amplia ainda mais esse horizonte. O conceito de maretórios, que expressa uma vivência moldada pelas dinâmicas das marés, surge como chave para pensar o futuro de uma Amazônia também atlântica diante de desafios globais, como

as mudanças do clima e a pressão sobre populações tradicionais.

Ao mesmo tempo, o podcast funciona como um arquivo dessas experiências: um acervo de vozes dos maretórios, com memórias e reflexões sobre os modos de existir e resistir numa Amazônia atravessada pelas marés.

Quando a ciência aprende a escutar

Uma das principais forças do Mexericos na Maré está na forma como aborda a divulgação científica: não como transmissão, mas como diálogo. “Divulgar ciência é um processo de escuta, tradução e construção coletiva”, resume o professor Josinaldo Reis.

Essa perspectiva se materializa na metodologia do projeto. Os temas surgem de pesquisas em andamento, artigos científicos, demandas do território e experiências da



Equipe do Mexericos na Maré no estúdio de gravação



Gravação de episódio do Mexericos na Maré



Gravação de episódio do Mexericos na Maré

própria equipe, que mistura alunos do Ensino Médio Integrado do IFPA com estudantes de graduação da Universidade Federal do Pará. A produção dos episódios, que tem apoio técnico da equipe da Assessoria de Comunicação do IFPA campus Bragança, se transforma em um processo formativo, explica o professor Josinaldo Reis.

Estudantes como comunicadores da ciência

Se para o público o Mexericos na Maré é uma janela para a ciência, para os estudantes ele é um laboratório de formação.

A participação no projeto envolve todas as etapas da produção: roteirização, entrevistas, locução, edição e distribuição. Um processo que exige domínio técnico, mas também sensibilidade para traduzir conteúdos e dialogar com diferentes públicos.

“O projeto ajuda a construir uma formação mais engajada, menos separada entre o mundo acadêmico e o mundo social”, destaca o professor Josinaldo Reis, o Tio Bil.

Ao longo dos anos, mais de 10 egressos foram diretamente formados pela experiência no Mexericos, desenvolvendo competências

como comunicação, trabalho em equipe e pensamento crítico. Quatro deles seguiram na área e ingressaram em cursos de jornalismo em universidades federais pelo país. Outros três passaram a atuar profissionalmente em emissoras locais ou iniciativas regionais de comunicação e podcast. Talvez sejam eles o melhor e maior resultado alcançado pelo projeto.

IFPA Campus Bragança Mexericos na Maré

COORDENADOR

Josinaldo Reis do Nascimento (IFPA)
Roberta Sá Leitão Barboza (UFPA)
Filipe Alves Sanches (IFPA)

ESTUDANTES IFPA

Arthur Martins Galvão
Maria Paula de Aviz Costa
Marianne de Kássia Reis Barros
Tiago Henrique do Nascimento Ferreira
Vitoria Moura Farias

ESTUDANTES UFPA

Cristiana de Paulo Martins
Gabriel da Costa Araújo

"Ferment'Ação" - Receitas de recomeço com mulheres em situação de vulnerabilidade

Texto: Viviane Campos
Imagens: Acervo do projeto

Recomeçar nunca foi fácil, mas as mulheres do Projeto "Ferment'Ação" encontraram uma forma de ressignificar suas vidas, mostrando que o "começar de novo" mexe com emoções, identidade e até com a forma como a gente enxerga o futuro.



Participantes do projeto na aula prática de confeitaria

Recomeçar nunca é fácil. Envolve emoções, identidade e a forma como se enxerga o futuro. Em Cametá, no nordeste do Pará, mulheres em situação de vulnerabilidade encontraram na panificação e na confeitaria uma oportunidade de reconstruir suas histórias por meio do projeto de extensão “Ferment’Ação”, desenvolvido pelo Instituto Federal do Pará (IFPA) Campus Cametá, em 2024.

Mais do que ensinar receitas, o projeto ensinou empreendedorismo e mostrou a mulheres, especialmente mães solo, que é possível gerar renda a partir de casa, conciliando trabalho, cuidados com os filhos e rotina doméstica. Pães caseiros, pizzas, bolos, cremes e doces passaram a representar não apenas alimentos, mas possibilidades reais de independência financeira e fortalecimento da autoestima.

O projeto é coordenado pelo professor Fagner Freires de Sousa, docente da área de Ciência e Tecnologia de Alimentos do IFPA Campus Cametá há nove anos. Ao longo de sua trajetória na instituição, o professor também atuou como coordenador do curso de Especialização em Agroecologia, coordenador de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e, atualmente, é chefe substituto do Setor de Extensão do campus.



Aula prática de panificação

A iniciativa surgiu a partir da observação de um problema global que também se manifesta em nível local: a desigualdade de gênero e as dificuldades enfrentadas por mulheres para ingressar no mercado de trabalho, especialmente aquelas que não possuem rede de apoio para cuidar dos filhos. A confeitaria e a panificação foram pensadas como alternativas viáveis de geração de renda a partir do ambiente doméstico.



Participantes do projeto na aula prática de confeitaria

Para alcançar o público-alvo, o projeto estabeleceu parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) de Cametá, responsável pela inscrição das participantes por meio dos Centros de Referência em Assistência Social (Cras) de diferentes bairros, garantindo a participação de mulheres de diversas regiões do município.

A equipe do projeto foi formada pelo coordenador, pela professora Elizete Neres Monteiro, com experiência prática em panificação e confeitaria, por um técnico administrativo e por estudantes do ensino médio integrado, incluindo bolsistas e voluntárias que atuaram diretamente nas formações.

As capacitações foram organizadas em dois cursos de 20 horas cada, com metodologia teórico-prática. O curso de panificação ocorreu entre 11 e 15 de junho de 2024 e o curso de confeitaria entre 19 e 23 de agosto de 2024. As aulas teóricas abordaram boas práticas de manipulação de alimentos, custos de produção, formação de preços, estratégias de comercialização e marketing. Já as aulas práticas foram realizadas no Laboratório de Alimentos, onde as participantes aprenderam a produzir pães, pizzas, bolos simples, bolos de pote, cremes, brigadeiros e bolos decorados.

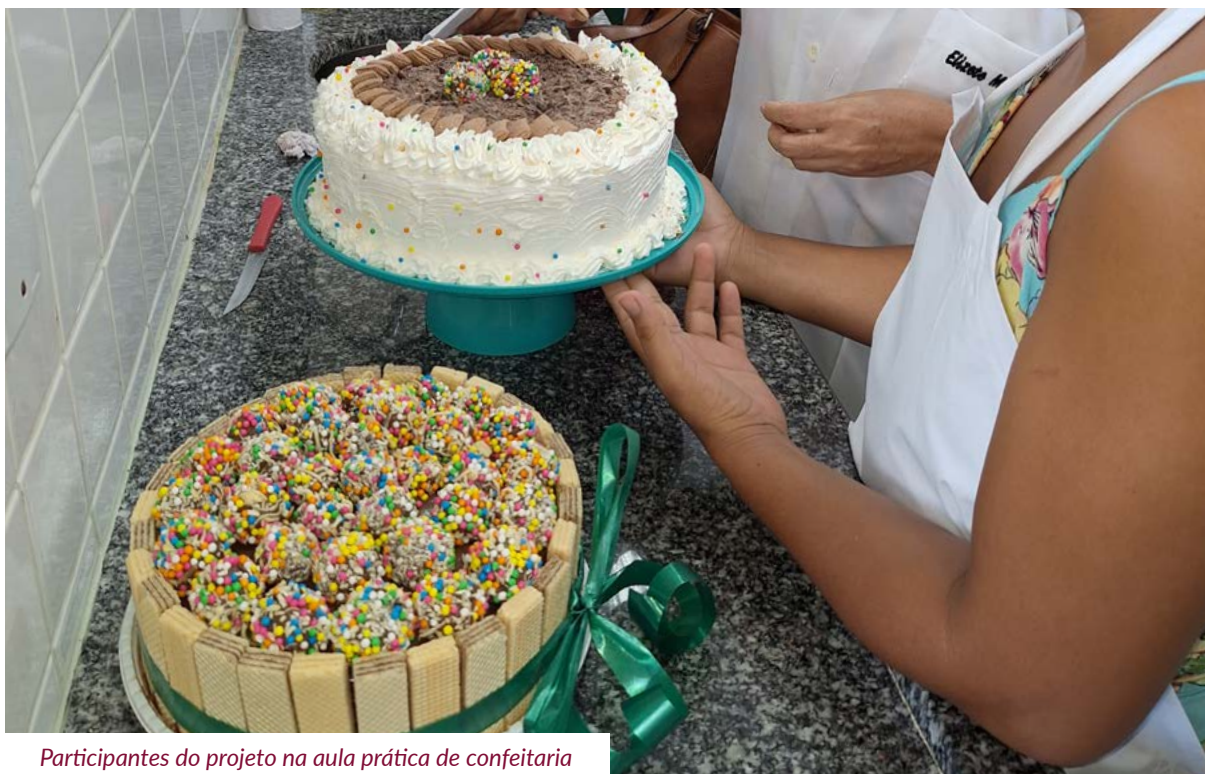
Cada cursista recebeu uma cartilha com o conteúdo das aulas, além de um kit

com pasta, caneta e avental. Durante as atividades práticas, as mulheres trabalhavam em grupo, reproduzindo as receitas ensinadas e recebendo acompanhamento da equipe do projeto.

Ao todo, o projeto atendeu 37 mulheres, sendo 18 formadas em confeitaria e 19 em panificação, e contou com a participação de dois docentes, um técnico administrativo e quatro estudantes. A avaliação final apontou 100% de satisfação das participantes em relação à organização, ao método de ensino, ao material didático e ao conhecimento dos instrutores. Todas afirmaram que o aprendizado pode ser utilizado para geração de renda.

Muito além do pão

A principal importância do projeto está no fato de que contribui para a inclusão social de um público que, historicamente, teve o acesso negado ao espaço acadêmico, permitindo que essas mulheres, além de terem uma qualificação profissional voltada à geração de renda, sintam-se parte da comunidade acadêmica do IFPA. Isso reflete o papel da extensão no cumprimento da função social dos Institutos Federais. Além disso, a execução do projeto acaba por proporcionar um espaço de aprendizado mútuo, ao passo que oferecemos conhecimento à comunidade através da formação, à medida que nós servidores e,



Participantes do projeto na aula prática de confeitaria



Participantes do projeto na aula prática de panificação

sobretudo, os discentes também aprendem, tanto com as experiências compartilhadas quanto pela própria execução da ação, uma vez que nela se preconiza a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão.

Relatos das participantes confirmam o impacto social da iniciativa. Algumas destacaram que aprenderam técnicas que não conheciam e que pretendem utilizar o conhecimento para vender produtos e complementar a renda familiar. Após o término dos cursos, as participantes continuaram em contato por meio de grupos de aplicativo de mensagens, onde compartilham experiências, fotos dos produtos e relatos sobre a aplicação prática do que aprenderam.

O projeto também contribuiu para a formação dos estudantes envolvidos, que participaram de todas as etapas da ação extensionista, desenvolvendo habilidades como trabalho em equipe, organização, comunicação, proatividade e responsabilidade social.

Para o coordenador do projeto, a experiência demonstrou o potencial da extensão como instrumento de inclusão social e transformação de realidades locais. Ele destaca, no entanto, a limitação orçamentária como um dos desafios, já que os projetos apoiados pelo Programa ProExtensão receberam, em 2024, apenas R\$ 3 mil de custeio, valor considerado insuficiente, especialmente em um Campus que ainda não

possui laboratórios totalmente equipados, o que exigiu a compra de equipamentos básicos, como o fogão utilizado nas aulas.

Mais do que ensinar a fazer pão e bolo, o “Ferment’Ação” mostrou que a extensão pode abrir portas, fortalecer a autoestima, gerar renda e aproximar a comunidade da instituição, reafirmando o papel social dos Institutos Federais e a importância de ações pensadas a partir das necessidades reais da população.

IFPA Campus Cametá
Ferment’Ação: qualificação profissional em panificação e confeitaria como estratégia de inclusão social de mulheres em situação de vulnerabilidade

COORDENADOR
 Fagner Freires de Sousa

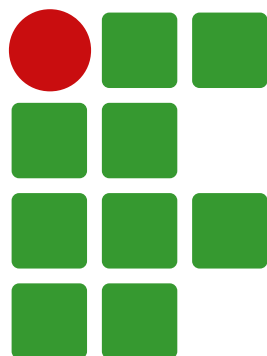
ESTUDANTES
 Julia de Jesus Pantoja Garcia
 Samara Rodrigues Souza
 Stéphanie Ribeiro Martins
 Yasmim Castro Gonçalves

COLABORADORA
 Elizete Neres Monteiro

Uma imagem amazônica



Biojoias, 2026
Foto: Lériton da Silva Brito



INSTITUTO FEDERAL

Pará

WWW.IFPA.EDU.BR